

# QUESTIONAMENTOS E DISCUSSÕES ESSENCIAIS ACERCA DE UM POSSÍVEL SISTEMA DE ESCRITA PARA O *HUNSRÜCKISCH* BRASILEIRO

Marco Aurélio SCHAUMLOEFFEL<sup>1</sup>

**Resumo:** *O objetivo deste trabalho é discutir basilarmente por que e se o Hunsrückisch brasileiro, a língua falada por grande parte dos descendentes de alemães no Brasil, deve ter um sistema de escrita estabelecido. Com base nestas questões, as vantagens e desvantagens de um eventual estabelecimento de um sistema de escrita serão analisados e ponderações feitas sobre o que este sistema, no contexto da complexidade e da presença de muitas variedades, imprescindivelmente deve conter e levar em conta. Serão trazidos exemplos de dois contextos completamente diferentes, nomeadamente da Suíça e das Ilhas ABC (Aruba, Bonaire e Curaçao, no Caribe), onde são falados, respectivamente, o Alemão suíço e o Papiamentu, com o propósito de verificar como estes casos podem apontar para possíveis caminhos e soluções para estas questões. Além disso, duas propostas já existentes de sistemas de escrita para o Hunsrückisch brasileiro serão analisadas e testadas quanto a sua funcionalidade e aplicabilidade.*

**Palavras-chave:** *Hunsrückisch brasileiro, Alemão no Brasil, escrita, ortografia, variedades linguísticas.*

**Abstract:** *The objective of this article is to fundamentally discuss why and if Brazilian Hunsrückisch, the language spoken by the majority of the German descendants in Brazil, should have an established writing system. Based on these questions, the advantages and disadvantages of a prospective establishment of a writing system will be analysed and considerations will be made about what this system should necessarily contain and regard. Examples from two completely different contexts will be presented, namely from Switzerland and the ABC Islands (Aruba, Bonaire and Curaçao in the Caribbean) where Swiss German and Papiamentu are respectively spoken, in order to verify how those cases can point to possible ways and solutions to these questions. Apart from that, two already existing proposals of writing systems for Brazilian Hunsrückisch will be analysed and tested for their functionality and applicability.*

**Keywords:** *Brazilian Hunsrückisch, German in Brazil, writing, orthography, linguistic varieties.*

Recebido em 15-08-2017  
Aceito em 05-10-2017

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela *University of the West Indies Cave Hill* - Campus Barbados.

## Considerações iniciais

Nos últimos anos surgiram propostas para a adoção de uma escrita para o *Hunsrückisch* do Brasil, a principal variedade de alemão falada em nosso país quando considerado o número de falantes.

O objetivo deste artigo não é fornecer respostas prontas com soluções definitivas, mas sim provocar a discussão e questionar sobre a necessidade e a possibilidade do estabelecimento de uma escrita para os falares alemães *Hunsrückisch* existentes no Brasil, além de fazer uma breve análise das propostas de escrita já existentes e a forma de escrita que eventualmente possa ser aceita e usada por grande parte dos falantes desta variedade da língua alemã falada em várias partes do Brasil, sobretudo na região sul.

## Definição do termo *Hunsrückisch* e suas variedades no Brasil

Embora pareça óbvio, muitos, mesmo em nível acadêmico, nem sempre fazem uma distinção necessária que seja clara e básica entre a denominação do espaço geográfico existente na Alemanha, ou seja, a região do Hunsrück *grosso modo* compreendida no oeste do país, próxima à fronteira com Luxemburgo e localizada entre os rios Mosela, Saar, Nahe e Reno, e a denominação comumente usada para as diversas variedades dialetais alemãs faladas no Brasil (*Hunsrückisch*), usando-as de forma intercambiável, como se p.ex. os termos *Portugal* e *Português* tivessem o mesmo significado.

Além desta troca imprecisa de termos, algumas outras noções básicas são ignoradas com certa frequência. A principal delas certamente é ignorar a

existência de variedades desta mesma língua no Brasil, tratando-a como algo uniforme, sem quaisquer diferenças, seja na área inicial de chegada dos imigrantes alemães no estado do Rio Grande do Sul, nas diversas áreas de Santa Catarina e do Paraná, no Espírito Santo ou em outras regiões do Brasil. Os imigrantes alemães chegaram ao Brasil ao longo de mais de século, vindos de diferentes regiões da Europa; isso por si só já impossibilita a existência de uma língua falada sem diferenças de sotaques, usos, variações de estrutura e diferentes graus de interferência do Português. No Brasil há mais de dialeto alemão, tais como o Pomerano, o alemão *Plautdietsch* dos menonitas, o austro-bávaro do Tirol e o Suábico, mas o *Hunsrückisch* indubitavelmente é o que conta com o maior número de falantes entre estes dialetos alemães. Outro fator amplamente ignorado é o fato de não existir um dialeto único, uma variedade *Hunsrückisch* como tal na Alemanha; lá há variedades faladas nas diversas regiões do Hunsrück, denominadas de *Rheinfränkisch* e *Moselfränkisch*, as quais também contam com suas variedades. Portanto, deve-se sempre levar em conta que não existe um *Hunsrückisch* padrão, uniformizado no Brasil, há, na verdade, variedades, as quais são algumas vezes iguais em seus diferentes aspectos, frequentemente parecidas, mas muitas vezes também contam com diferenças significativas que não podem ser ignoradas.

De fato, o *Hunsrückisch* se estabeleceu no Brasil como língua-padrão, por ter sido a língua da maioria (cf. ALTENHOFEN, 1996; DAMKE, 1997; PUPP SPINASSÉ, 2008). Ele funcionava como uma espécie de língua-franca, pois a origem de muitos imigrantes sequer era a região do Hunsrück, mas sim outras partes da área onde hoje estão situadas a Alemanha, a Áustria, a Suíça e até mesmo partes da França e da Polônia atuais, onde se fala ou falava alguma variedade de Alemão

(cf. SCHAUMLOEFFEL, 2014, p.4). Estudiosos como Koch já afirmavam que não havia uma única variedade do Alemão em nosso país, como o próprio título de uma de suas obras já denuncia: *Falares alemães no Rio Grande do Sul*, na qual ele p.ex. estuda todas as variantes da palavra *Gurke* (pepino) existentes no estado (KOCH, 1974, p. 17-29).

## **H**unsrückisch: características de um dialeto

O *Hunsrückisch* possui as características de um dialeto. Originalmente, a palavra *διάλεκτος* (*diálektos*) é formada a partir dos termos gregos *διά* (*diá*) “através” e *λέγω* (*legō*) “eu falo”, ou seja, em livre interpretação algo como “instrumento através do qual me expresse”. Na verdade, dialetos são línguas, são as variedades de uma mesma família linguística, em que uma delas geralmente é considerada a variedade padrão, a língua-padrão, a “norma culta” de comunicação entre os falantes, enquanto que as outras funcionam de forma parecida e paralela, sem que tenham menos ou mais valor do ponto de vista linguístico. Muitas vezes as variedades não consideradas padrão são estigmatizadas e seus falantes sofrem discriminação, o que não faz o menor sentido a partir do funcionamento técnico de um dialeto. Este tipo de estigmatização é puramente fruto de juízo de valor subjetivo, às vezes por parte de seus falantes e, principalmente, dos não-falantes que estejam em contato com a cultura e a língua/o dialeto em questão.

Uma das características intrínsecas de um dialeto é que ele normalmente não possui um registro escrito sistemático, uma norma ortográfica estabelecida, sendo que sua natureza é essencialmente oral, enquanto que a língua-pa-

drão possui um sistema de escrita estabelecido, o que, muitas vezes, confere-lhe um *status* erradamente considerado mais elevado. Assim também funcionam as variedades do *Hunsrückisch* no Brasil, elas sofreram e sofrem estigmatização e são essencialmente orais até o momento. Além do mais, elas possuem algumas características de um *dachloser Dialekt* devido a sua separação geográfica e histórica do contínuo de língua alemã na Europa e à falta de uma relação direta de seus falantes com a língua-padrão. *Dachlos* literalmente pode ser traduzido como “sem teto”, ou seja, sem uma referência basilar.

## **E**scriver em *Hunsrückisch* brasileiro?

Dentro desta perspectiva e dada a natureza oral dos dialetos, cabe analisar quais seriam as vantagens e as desvantagens, as questões problemáticas envolvidas em definir um padrão de escrita para o *Hunsrückisch* brasileiro. Entre as vantagens certamente podem ser citados elementos como a possibilidade de poder fazer o registro, a escrita de histórias de forma “padronizada” e de permitir o ensino formal. Isto pode levar à sobrevivência ou à sobrevivência de uma língua, pode gerar uma valorização, conferir um *status* mais elevado e pode ajudar a “preservar” a cultura de um grupo de pessoas. O estabelecimento de um sistema de escrita para uma língua também pode levar a desvantagens, pois ele confere uma padronização, levando ao desaparecimento de diferentes variantes/variedades locais e regionais. Estabelecer uma normatização é algo difícil, controverso e muitas vezes indesejável. Em alguns casos, a popularidade de um dialeto pode se dar exatamente pela ausência de uma norma fixa, devido a sua flexibilidade na escrita, como, por exemplo, acontece com

as variedades de *Schwytzerdütsch* na Suíça, nas quais os falantes geralmente escrevem em sua variedade da forma como entenderem ser a mais adequada<sup>2</sup>. Neste caso, dada a sua diversidade e as amplas diferenças regionais, a regulamentação poderia levar o dialeto a ser padronizado e, por consequência, fazer com que certas variedades ou até mesmo o novo padrão criado sejam menos estimados.

Diante do exposto, cabe refletir se realmente vale a pena definir um padrão de escrita rígido para o *Hunsrückisch* brasileiro ou se seria melhor permitir a flexibilidade, a liberdade de utilização conforme a necessidade dos falantes. Na Alemanha não existe um padrão de escrita oficial definido para os dialetos em geral ou mesmo para as variedades existentes na região do Hunsrück, embora existam propostas de escrita e publicações impressas em vários dialetos; o mesmo se aplica ao Alemão suíço, mas, em ambos os casos, estas variedades não se configuram com características de *dachlose Dialekte*, ou seja, de dialetos sem a presença *in loco* de uma variedade padrão. O *Hunsrückisch* brasileiro tem este diferencial, mas também vale lembrar que já é falado no Brasil há cerca de 190 anos, ainda possui vigor em seu uso e nunca teve um padrão de escrita estabelecido neste período e, mesmo assim, não desapareceu. Embora seja uma outra discussão que foge ao escopo deste artigo, linguistas certamente reconhecem que o *Hunsrückisch* brasileiro perdeu algum vigor em seu uso nas últimas décadas; há, inclusive, o temor de que já esteja ameaçado de extinção, já que em algumas áreas praticamente desapareceu, especialmente nas áreas mais urbanizadas com histórico de imigração

alemã no sul do Brasil.

Levando-se em conta todos estes elementos, juntamente com o uso crescente das novas tecnologias de comunicação que fazem uso misto e intenso de formas orais e escritas de interação, talvez seja aconselhável pensarmos em adotar uma forma de escrita. Do ponto de vista ideal deste autor, embora seja algo praticamente impossível de alcançar, este sistema não deveria ser rígido e absoluto a ponto de apenas aceitar uma forma de escrita, mas sim flexível e com linhas gerais de orientação. Isso permitiria a livre expressão dos falantes de acordo com a sua variedade de *Hunsrückisch*, a exemplo do que ocorre na Suíça com o *Schwytzerdütsch*. Este uso flexível dificilmente prejudicaria a compreensão dos outros falantes versados em *Hunsrückisch*. Assim também se eliminaria uma das principais desvantagens de um sistema padronizado de escrita: a estigmatização, a conferência de *status* mais elevado ou mais baixo para esta ou aquela variedade e o risco do desaparecimento de certas variedades. Um exemplo simples do Português pode ilustrar e ajudar a explicar a afirmação acima: a maioria dos brasileiros diz *faiz*<sup>3</sup> e escreve *faz* para o presente da terceira pessoa do singular do verbo *fazer*. No entanto, caso alguém escreva *fais* ou *faiz*, geralmente passa a ser taxado de ignorante por não dominar a forma estabelecida como correta no registro escrito. Sendo assim, ficaria a cargo do falante de *Hunsrückisch* decidir como escreveria o equivalente ao termo *Arbeit* (trata-se do substantivo *trabalho*) do Alemão-padrão em sua variedade, já que há muitas variações para esta e muitas outras palavras no *Huns-*

<sup>2</sup> Uma busca na internet revela que há uma miríade de artigos sobre o assunto. Um dos artigos de jornal que aborda este tema é *Die Verschriftlichung der Mundart*, publicado em 01.02.2013 na *Neue Zürcher Zeitung*. Disponível em

<<https://www.nzz.ch/feuilleton/die-verschriftlichung-der-mundart-1.17973385>>. Acesso em 30 Jul 2017.

<sup>3</sup> A opção por não fazer a transcrição fonética é consciente, pode ser considerada desnecessária para este caso simplório.

*rückisch* brasileiro. Dessa forma, poderíamos ter, por exemplo, entre outras possibilidades de escrita, as formas *oorwat*, *órwat*, *oorweit*, *órweit*, *arwat*, *arweit*, *aarwat*, *arbeit* para a palavra *Arbeit*, dependendo de como o falante a articula e das linhas gerais de escrita estabelecidas. Estas diferentes formas muito provavelmente não prejudicariam a compreensão dos falantes. É óbvio que uma escrita padronizada única ditada a todos facilitaria alguns aspectos. Porém, vale lembrar que na maior parte das línguas, incluindo o Alemão-padrão e o Português, não havia uma ortografia padronizada cristalizada no início do estabelecimento processo de escrita, o mesmo momento que vivemos atualmente para o *Hunsrückisch* brasileiro. Nem mesmo depois de séculos há uma padronização completa: no Alemão-padrão os suíços escrevem diferente dos alemães e austríacos; no Português até hoje nós ainda não chegamos a um acordo definitivo para escrever todas as palavras da mesma forma em todos os países lusófonos; os americanos e os ingleses escrevem algumas palavras de formas bastante diversas, só para citar três exemplos próximos. Portanto, a preocupação em ditar uma única forma de escrita como a correta é um exercício cansativo, controverso, gerador de conflitos entre defensores de um ou de outro tipo de registro escrito, impositivo, potencial destruidor de variedades e, sem sombra de dúvidas, desnecessário no momento histórico-linguístico em que nos encontramos atualmente. Contudo, vale enfatizar aqui que de forma alguma pretende-se afirmar que não é necessário pensarmos em formas possíveis de escrita para o *Hunsrückisch* brasileiro, ainda mais que ele automaticamente passou a ser usado através dos novos meios de comunicação baseados em tecnologias disponíveis através da internet; apenas não deveríamos, ao menos neste *interim*, impor uma única forma

como se fosse a única possibilidade correta de expressão escrita do *Hunsrückisch* brasileiro.

No entanto, caso se opte por uma orientação geral para a escrita, deve-se pensar o que ela deveria conter e permitir. De forma simples e ideal, ela deveria dar conta e permitir que todas as possibilidades fonéticas/fonológicas (todos os “sons” e as combinações existentes) contidas em uma variedade possam ser escritas. Este ideal, porém, é virtualmente impossível de ser atingido. Outra questão relevante é o estabelecimento de uma base para esta escrita; sabe-se que a base da escrita sempre é escolhida de forma arbitrária quando não há referências diretas ou anteriores; contudo, em nosso caso, parece mais lógico escolhermos uma forma escrita parecida com e baseada em uma já existente na mesma família de línguas (o *Hochdeutsch*, neste caso) ou na língua de alfabetização dos alunos (o Português, neste caso), dada a natureza bilíngue da maioria das comunidades falantes de *Hunsrückisch* no Brasil. Optar por algo que fuja de uma destas duas possibilidades ou que, com alternativa, não surja de um compromisso entre estas duas realidades já existentes para os falantes de *Hunsrückisch* brasileiro equivale a lançar uma âncora em um lugar onde ela não tem uso prático, como se fora uma âncora lançada na areia a partir de um navio encalhado no deserto. O argumento de que esta ou aquela forma poderia ser mais fácil ou mais difícil de aprender é exercício totalmente subjetivo. De fato, toda forma de escrita exige um processo de aprendizagem e, quando usado como referência um sistema de escrita já existente na mesma família de línguas ou já aprendido em processo de alfabetização, inevitavelmente há uma vantagem, seja para o eventual aprendiz futuro da versão considerada padrão, no caso de adoção de uma escrita que segue o sistema já es-

tabelecido para o Alemão, ou na facilidade de usar a escrita já aprendida durante a alfabetização, no caso o Português, para a maioria dos falantes de *Hunsrückisch* brasileiro.

Até mesmo o estabelecimento de linhas gerais não impositivas para a escrita do *Hunsrückisch* brasileiro se torna um exercício complexo. Deve-se escolher uma forma escrita baseada na pronúncia? Neste caso, na pronúncia de qual variante? Baseada na etimologia das palavras? Na língua de alfabetização dos falantes? Em uma mistura de critérios?

## **S***Schwytzerdütsch e Papiamentu*

Para ajudar na reflexão de como poderia ser solucionada a questão do estabelecimento de uma escrita para o *Hunsrückisch* brasileiro, vale observarmos exemplos vindos de contextos completamente distintos, como ocorre com os casos do Schwytzerdütsch, já mencionado acima, e do Papiamentu. Como já dito anteriormente, o Schwytzerdütsch não adota uma escrita fixa, há muitas variedades e optou-se por não ditar um padrão. Adotá-lo certamente implicaria na desvalorização das outras variedades que passariam a ser deixadas em segundo plano; atualmente há um crescimento do uso de Schwytzerdütsch escrito porque muitos assuntos antes resolvidos essencialmente de forma oral, seja por telefone ou em encontros face-a-face, agora são tratados e resolvidos de forma escrita através de aplicativos de mensagens e pelas redes sociais. Para a determinação do código a ser usado, é fundamental levar em conta tanto o locutor e quanto o destinatário da comunicação. Como também já dito acima, as variantes do Schwytzerdütsch não são *dachlose Dialekte*, pois há o Hochdeutsch, além do padrão levemente diferente de escrita definido para o Alemão-padrão suíço.

Por outro lado, há o caso interessante do Papiamentu(o), o qual é uma língua crioula falada principalmente nas ilhas caribenhas de Aruba, Curaçao e Bonaire. O Papiamentu se tornou língua oficial de ensino e de comunicação em Aruba e em Curaçao, além de ser a língua mais faladas nestas três ilhas caribenhas, apesar do histórico de colonização holandesa. Duas formas diferentes de escrita foram adotadas, a de Aruba é mais etimológica, enquanto que a de Curaçao e de Bonaire é mais fonêmica. As duas são válidas, porém, é impossível estabelecer qual delas seja melhor ou pior. Objetivamente, ambas cumprem o seu papel, a escolha de qual forma usar depende da origem e da familiaridade do interlocutor nativo com uma ou outra forma de escrita e depende principalmente da forma como foi alfabetizado; a escolha inicial é indiferente para quem não tem familiaridade com nenhuma das formas escritas. Assim, há duas formas de escrita e algumas diferenças no Papiamentu, conforme o ilustrado através dos exemplos de palavras que seguem: a) Curaçao e Bonaire: étiko, piská, Papiamentu, kombinashon, lèternan, ferdó; b) Aruba: eticao, cas, pisca, Papiamento, combinacions, letraran, pintor; c) Português: ético, casa, peixe, Papiamentu(o), combinação, cartas, pintor.

De forma grosseira, se for considerado o ambiente onde são criadas, as línguas crioulas possuem alguns traços semelhantes a um *dachloser Dialekt*, apesar de serem algo totalmente diferente, já que não são uma variedade de uma língua-padrão que já possua um registro escrito; elas são algo completamente novo e independente.

No caso dos falantes nativos de *Hunsrückisch* brasileiro, apesar de dominarem a forma oral, eles geralmente não foram alfabetizados em nenhuma forma mais fonêmica ou mais etimológica da

língua, ao contrário do que ocorre no Papiamentu. Embora haja algumas características comuns entre o que acontece com os falantes de Papiamentu e os de *Hunsrückisch* brasileiro, há uma grande diferença entre ambos. Não havia uma base anterior para a escrita do Papiamentu, já que a língua é nova, crioula. Por outro lado, no caso do *Hunsrückisch* brasileiro, embora tenha traços amplos de *dachloser Dialekt* e diferentes graus de influência do Português em suas variedades, ele claramente é uma língua alemã, assim como o Hochdeutsch, as variedades de Schwytzerdütsch, o Lëtzebuergesch, entre outros, ou seja, já existe um histórico de estabelecimento de escrita para este caso.

## **P**ropostas existentes de escrita para o *Hunsrückisch* brasileiro

as duas principais propostas para a escrita do *hunsrückisch* brasileiro foram elaboradas na década passada. A primeira delas foi apresentada em 2007 por Altenhofen *et alii* (*Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil*) e segunda em 2008 por Wiesemann (*Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrückisch falada na América do Sul*).

A aplicabilidade das propostas de

Altenhofen *et alii* (ALT) e de Wiesemann (WIE) foram empiricamente testadas para os dados levantados por Schaumloeffel (2007), usados em *Interferência do Português em um Dialeto falado no Sul do Brasil* para o *Hunsrückisch* falado em Boa Vista do Herval, localidade conhecida pelos falantes da língua local como *Speckhof*, município de Santa Maria do Herval, no estado do Rio Grande do Sul. As frases transcritas foram baseadas em um *corpus* composto por mais de 13 horas de gravações, feitas com 36 informantes selecionados segundo critérios sociolinguísticos, de forma que a comunidade estivesse amplamente representada nas amostras colhidas. A seguir são apresentados alguns exemplos e, posteriormente, feitas algumas observações acerca destas propostas, considerando as asserções apresentadas anteriormente. Ao fazer uma análise, mesmo que rápida e pouco aprofundada, percebe-se que há muitas diferenças entre estas duas propostas de escrita. Os exemplos são apresentados com marcação das principais diferenças, as quais são destacadas através de flechas e de círculos de destaque em cada frase ou entre as frases. Segundo as duas propostas, as frases apresentadas em forma de arquivo de áudio poderiam ser escritas da seguinte forma<sup>4</sup>:

<sup>4</sup> As frases foram apresentadas em forma de arquivo digital de áudio, sem qualquer referência escrita, a dois membros das equipes que elaboraram ou trabalham nas diferentes propostas. Agradeço imensamente a Cléo Vilson Altenhofen, Professor Titular do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e à Professora Mabel Dewes, integrante da equipe da Professora Wiesemann no Projeto Hunsrückisch em Santa Maria do Herval - RS,

por dedicarem seu tempo, paciência e conhecimento para escrever as frases apresentadas aqui dentro das regras de suas respectivas propostas. Como referência, caso haja interesse ou necessidade de consulta para dirimir dúvidas, o arquivo digital de áudio apresentado às duas propostas está disponível em <<http://schaumloeffel.net/wp/2015/07/29/brasiliensches-hunsruickisch-schreiben-escrever-o-hunsruickisch-brasileiro/>>.

**Exemplo 1:** 

WIE: Mayn nochper hot en nay aarwat kefun  
 ALT: Mein Nachbar hot en nei Oorwet gefunn

**Exemplo 2:** 

WIE: Ich hon fiil se tuun in te neckxte tswaay moonat[c]  
 ALT: Ich honn viel se tun in de nechste zweu Monate

Exemplo 1: *Meu vizinho encontrou um trabalho/um emprego novo.*

Exemplo 2: *Eu tenho muito a fazer nos próximos dois meses.*

Baseado nas transcrições recebidas, já a partir da primeira palavra no exemplo 1 percebe-se que WIE propõe escrever o *Hunsrückisch*, por ela chamado de *Hunsrik*, “segundo os fonemas (não os sons) da língua” (Wiesemann 2008: 3), sem ligação direta com as escritas já estabelecidas para o Português ou o Alemão, enquanto que ALT prefere seguir em linhas gerais o que já existe para o *Hochdeutsch*. A segunda palavra também deixa esta opção clara: ALT opta por usar maiúscula para os substantivos, a exemplo do Alemão-padrão, enquanto que WIE opta por não diferenciar substantivos de outras classes de palavras. Seguindo essa mesma lógica, na frase 2 apresentada por ALT lê-se o numeral dois (*zweu*), conforme apresentado no áudio, enquanto que a transcrição equivalente de WIE (*tswaay*) em um primeiro momento, ao menos subjetivamente, parece não representar corretamente o áudio apresentado, embora seu

guia do professor especifique, mesmo que em convenção pouco usual, que a sequência <aa> pode ser tanto lida como “a” longo quanto como “o” longo, a exemplo das palavras portuguesas *ovos* e *órgãos* (cf. Wiesemann 2008: 30). O mesmo se aplica para o caso de WIE *aarwat* e ALT *Oorwet* (1). Porém, no caso de WIE aparentemente há uma inconsistência, já que *hot* (1) e *hon* (2) não deveriam ser ambos escritos com <o>, pois desta forma não apresentam distinção alguma na pronúncia da vogal, ao contrário do áudio apresentado; supõe-se que uma delas então deveria ser grafada de outra forma a fim de contemplar esta diferença. Por outro lado, de acordo ALT, uma distinção é feita entre *hot* (1) e *honn* (2), devido à vogal ser seguida por duas consoantes no segundo caso, o que a faria ser

pronunciada com duração breve (...) [além disso] A regra aplica-se de modo geral também a exemplos monossilábicos muito frequentes, como *uff*, *unn* e *honn*. (ALTENHOFEN, 2007, p. 78).

**Exemplo 3:** 

WIE: das meeche keet iwer kën in ti nay xuul, wayl se imer mit sayn  
 amiguinhas in te phause xpiilt

ALT: das Medche geht iwer genn in die nei Schul, weil se immer mit sein  
 Amiguinhas in der Pause spielt

**Exemplo 4:** 

WIE: dee tuut nēt kën mit te hōnt xafe, tēsweche penutst er mee te khop

ALT: der tut net genn mit der Henn schaffe, desweche benutzt er meh der Kopp

Exemplo 3: *A menina gosta muito de ir à escola nova, porque ela sempre brinca com suas amiguinhas no intervalo.*

Exemplo 4: *Ele não gosta muito de trabalhar com as mãos/de fazer trabalho manual, por isso utiliza mais a cabeça.*

Um dos aspectos que mais chamam a atenção na proposta de WIE é a opção pelo uso de <x> em palavras como *xul* (3) e *xafe* (4), o que é tecnicamente viável, embora pouco usual para quem já foi exposto a palavras e nomes próprios

alemães presentes no cotidiano dos falantes de *Hunsrückisch* brasileiro. O seu uso também poderia criar uma distinção pouco usual entre p.ex. na forma de escrever a profissão de alfaiate (em *Hochdeutsch Schneider*) e o sobrenome comum *Schneider* tão presente entre as famílias de origem alemã; os dois termos têm a mesma origem. Como sobrenomes normalmente não são alterados, provavelmente haveria na escrita de WIE a palavra *xnayder* para alfaiate e *Schneider* para o sobrenome.

**Exemplo 5:** 

WIE: Ti fraa xlooft xon tsayt Waynachte mëchtich xlëcht wayl sayn pukel imer  
 wee tuut

ALT: Die Froo schloft schon zeit Weihnachte mechtich schlecht weil sein Buckel immer  
 weh tut

**Exemplo 6:** 

WIE: Ti khiner sin ooments imer xuël miit wën se taachs iwer fiil fuuspol un  
 fange kexpiilt hon

ALT: die Kinner sinn omnds immer schnell mied wenn se toochsiwer viel Fussboll unn  
 Fange gespielt honn

Exemplo 5: *Desde o Natal a mulher está dormindo muito mal porque as suas costas sempre doem.*

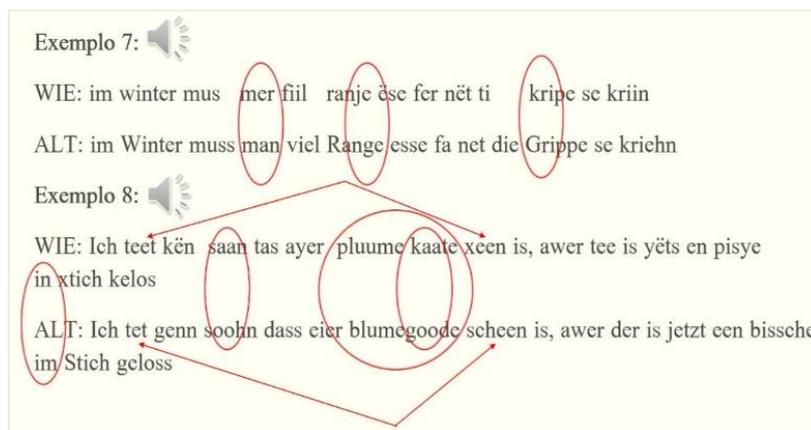
Exemplo 6: *À noite as crianças sempre estão rapidamente cansadas se jogaram muito futebol e brincaram muito de pega-pega durante o dia.*

No exemplo 6 dois elementos

chamam a atenção. O primeiro diz respeito à diferença em relação à grafia de palavras compostas, como ocorre com WIE *taachs iwer* e ALT *toochsiwer*. A forma aglutinada em oposição à separada parece ser mais precisa e expressar de forma mais clara o que se pretende dizer, já que grande parte das unidades separadas possui sentido próprio e a aglutinada

cria um novo significado, como p.ex. em uma unidade como *flaschebier* (*cerveja de garrafa*, em oposição a *fassbier* - *cerveja de barril/chope*) com significado diverso de *flasche bier* (*garrafas de cerveja*). A segunda observação refere-se a WIE *fange kexspiilt* na qual há a opção por grafia diferente entre o <g> final da primeira palavra e o <k> inicial da segunda, ao passo que ALT utiliza <g> para ambos: *fange gespielt*. Segundo WIE, a opção por <g> somente ocorre,

na verdade, quando ocorre <ng> que seria equivalente aos sons de *bem* e *bom* do português (cf. Wiesemann 2008: 31). Nos áudios gravados em campo e no arquivo de amostra parece haver a presença de <g> tanto em *fange* quanto em *gespielt*; o <ng> da palavra *fange* parece ter uma pronúncia bastante distinta e pouco equivalente a *bem* e *bom*, inclusive para o autor deste artigo, falante nativo do *Hunsrückisch* da localidade de Speckhof.



Exemplo 7:   
 WIE: im winter mus mer fiil ranje ðse fer nēt ti kripe se kriin  
 ALT: im Winter muss man viel Range esse fa net die Grippe se krihn

Exemplo 8:   
 WIE: Ich teet kēn saan tas ayer pluume kaate xeen is, awer tee is yēts en pisye in xtich kelos  
 ALT: Ich tet genn soohn dass eier blumegoode scheen is, awer der is jetzt een bissche im Stich geloss

Diagrama de correspondências fonéticas (setas vermelhas):  
 - WIE 'mer' → ALT 'man'  
 - WIE 'ranje' → ALT 'Range'  
 - WIE 'kripe' → ALT 'krihn'  
 - WIE 'saan' → ALT 'soohn'  
 - WIE 'pluume' → ALT 'blumegoode'  
 - WIE 'kaate' → ALT 'scheen'  
 - WIE 'xeen' → ALT 'is'  
 - WIE 'yēts' → ALT 'jetzt'  
 - WIE 'pisye' → ALT 'bissche'

Exemplo 7: *No inverno deve-se comer muitas laranjas para não pegar a gripe.*  
 Exemplo 8: *Eu preferiria dizer que o jardim de flores do Sr./da Sra./de vocês está bonito, mas no momento ele está um pouco abandonado.*

No exemplo 7 WIE grava o pronome indefinido equivalente a “se” como *mer*, embora no áudio haja a presença indubitável de um <a>; ALT usa *man*, equivalente à palavra presente no *Hochdeutsch* para “se”. Para fazer a distinção entre o pronome indefinido “se” e

a primeira pessoa do plural “nós”, Wiesemann propõe usar *mer* e *meyer* (cf. 2008: 31). A grafia da palavra *meyer* certamente não é representativa para a pronúncia da maioria dos falantes do *Hunsrückisch* falado na localidade de onde os presentes exemplos foram coletados, já que não parece ser comum falantes utilizarem um <y> dentro desta palavra. Porém, na localidade parece ser comum haver uma variação entre *man* ~ *ma* para o pronome indefinido equivalente ao “se” do Português, dependendo do falante e da estrutura frásica.

Exemplo 9:   
 WIE: sup ɛst mer mim lɛfel, xuraske mit kawel un mɛsɛr  
 ALT: Supp esst man mim Leffel, Churrascke mit Gawel unn Messer

Exemplo 10:   
 WIE: wɛn ich torxt hon, khan tɛh nɛt xraywe, xafe, nɛt singe, niks khan ich mache. Ploos en khilles klaas waser rɛsolwɛyert tas propleem  
 ALT: wenn ich Dooscht horn kann ich net schreiwe, schaffe, net singe, nix kann ich mache. Bloss een kiehles Gloos Wasser resolveat das Problem

Exemplo 9: *Come-se sopa com a colher, churrasco com garfo e faca.*

Exemplo 10: *Quando eu tenho sede, não consigo escrever, trabalhar nem cantar, eu não consigo fazer nada. Somente um copo com água fresca resolve o problema.*

No exemplo 9 fica clara a opção pela escrita “segundo os fonemas” de WIE através de *xuraske* e de ALT, em linhas gerais, pela etimologia através de *Churrascke*. No exemplo 10, ao contrário de ALT que grafia *Dooscht*, WIE inclui um <r> em *torxt*, apesar de este não estar presente no áudio. Da mesma forma WIE inclui um <y> em *rɛsolwɛyert* sem que um <y> esteja presente na gravação. Por fim, como falante nativo do *Hunsrückisch*, o autor deste artigo faz distinção clara de pronúncia, assim como muitos falantes desta língua, entre o <p> e o <b> em palavras como *Problem*, algo não contemplado na transcrição de WIE para o termo *propleem*. É óbvio que a opção por <p> na escrita de WIE é plausível para casos onde em p.ex. Hochdeutsch se usa <b>, mas desde que haja a possibilidade de fazer uma distinção como a apresentada acima, embora na opinião deste autor cause estranheza visual a proposta de WIE de grafar o equivalente à palavra portuguesa *banana* como *panan* (cf. WIESEMANN, 2008,

p. 36) em *Hunsrückisch* brasileiro, quando na ampla maioria dos casos esta palavra que se tornou um quase que “universalismo” e consistentemente é grafada, em suas diferentes variantes com <b>. Isso se aplica p.ex. ao Alemão-padrão (*Banane*), Inglês (*banana*), Usbeque (*banan*), Zulu (*ibhanana*), Grego (μπανάνα – *banána*), Mongol (банан – *banan*), Japonês (バナナ – *banana*), Islandês (*banani*), Georgiano (ბანანი – *banani*), Espanhol (*banana*), Francês (*banane*) entre várias outras línguas faladas mundo afora que adotam esta raiz da palavra, a qual provavelmente se espalhou pelo mundo a partir dos anos de 1590 através do português ou do espanhol, vinda do Wolof (*banana*) falado na África Ocidental<sup>5</sup>.

## Considerações finais

Como já afirmado anteriormente, a intenção primária deste artigo não é fazer uma análise detalhada das duas principais propostas de escrita existentes para o *Hunsrückisch* brasileiro, mas muito mais ser um convite para refletir sobre a real necessidade de se estabelecer uma escrita única e rígida, marcando,

<sup>5</sup> Cf. HARPER, Douglas. **Banana (n.)**. Online Etymology Dictionary. Disponível em

<<http://www.etymonline.com/index.php?term=banana>>. Acesso em 11 Ago 2017.

com isso, automaticamente as outras formas de livre expressão, especialmente aquelas que surgem espontaneamente nas redes sociais e nas novas formas de comunicação escrita, como incorretas e fruto de usuários que eventualmente seriam taxados de “ignorantes”. O fluxo livre nestas novas formas de expressão é um incentivo ao uso e mostra a utilidade do *Hunsrückisch* brasileiro. Estabelecer uma única forma correta pode acabar funcionando contra esta livre expressão e, por consequência, ter como resultado o inverso do que se espera.

As duas propostas analisadas apresentam vantagens e desvantagens; em alguns casos poderiam ser discutidos eventuais aperfeiçoamentos. Porém, a proposta de Altenhofen et alii (2007) parece cobrir uma gama maior de fenômenos fonológicos e apresentar maior flexibilidade para escrever o *Hunsrückisch* em suas diferentes variedades, observando as diferenças existentes nas regiões e nas variedades. No entanto, cabe salientar que a escolha de uma ortografia é arbitrária e nunca será tecnicamente totalmente perfeita, sempre dependerá do foco a ser dado. Porém, apesar de não tão numerosas, existem diferenças importantes entre as propostas já existentes.

Por questão de respeito linguístico e de valorização das variantes existentes, é primordial que uma forma de escrita a ser eventualmente adotada dê conta de escrever todas as palavras sem causar interferências, sem alterar ou tentar padronizar as versões e as expressões existentes nas diferentes variantes do *Hunsrückisch* falado no Brasil, afinal o objetivo central de todos os interessados por este fenômeno linguístico-cultural fascinante presente no Brasil é o da manutenção da língua como instrumento ativo entre os falantes e as suas futuras gerações. Para tal, não se pode cometer um erro comum em muitas tentativas de manter a tradição e os “velhos e bons

tempos”. Ela não pode ser mantida embalsamada e intocada, semelhante ao seu uso há uma década ou um século, como se fosse uma língua morta. Toda língua inexoravelmente passa por modificações ao longo do tempo. Sua evolução natural deve ser entendida e respeitada, caso contrário estará fadada ao inevitável anacronismo.

## Referências

- ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996. \_\_\_\_\_; FREY, J.; KÄFER, M. L.; KLASSMANN, M. S.; NEUMANN, G. R.; SPINASSÉ, K. P. 2007. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Revista Contingentia**, 2: 73-87. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3867>.
- BARANOW, Ulf Gregor. **Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien**. Tese de Doutorado. München: Ludwig-Maximilians-Universität, 1973.
- DAMKE, Ciro. **Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.
- KOCH, W. **Falares alemães no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1974.
- PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**. Porto Alegre: PPG-Letras, UFRGS, 2008, vol. 3, n. 3, p. 125-140.
- SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurelio. **Interferência do Português em um Dialeto Alemão Falado no Sul do Brasil**. Bridgetown: Lulu, 2007.
- \_\_\_\_\_. Por que dizer *sich aposentieren* no Hunsrückisch brasileiro está correto? **Projeto**, 52: 3, 2014. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1032448-Abrapa-Projekt/>.
- SCHERRE, Maria M. P. Entrevista sobre Preconceito Linguístico, variação e ensino,

concedida a Jussara Abraçado. **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário**, n. 36, p. 11-26, 1. Sem., 2008.

WEINREICH, Uriel. **Sprachen in Kontakt**. München: Beck, 1976.

\_\_\_\_\_. 2008. **Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul**. SIL Brasil, Cuiabá. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publicns/ling/Hunsrik.pdf>.